

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

PERSEVERANÇA

COLEÇÃO ÁGUA E ESPÍRITO

- *Catequese com estilo catecumenal*
Antonio Francisco Lelo
- *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*
Antonio Francisco Lelo
- *Iniciação à vida cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia de adultos*
(*Livro do Catequista e Livro do Catequizando*)
Leomar A. Brustolin e Antonio Francisco Lelo
- *Iniciação à vida cristã: Batismo de crianças*
(*Livro do Catequista e Livro dos Pais e Padrinhos*)
Nucap
- *Iniciação à vida cristã dos pequeninos*
(*Livro do Catequista e Portfólio do Catequizando e da Família*)
Erenice Jesus de Souza
- *Iniciação à vida cristã: 7-8 anos*
(*Livro do Catequista e Livro da Família e do Catequizando*)
Nucap
- *Iniciação à vida cristã: Eucaristia*
(*Livro do Catequista, Livro do Catequizando e Livro da Família*)
Nucap
- *Iniciação à vida cristã: Catecumenato Crismal*
(*Livro do Catequista, Livro do Catequizando e Livro da Família*)
Nucap
- *Iniciação à vida cristã: Perseverança*
(*Livro do Catequista, Livro do Catequizando e Livro da Família*)
Nucap
- *Iniciação à vida cristã: Catequese familiar do Batismo*
Nucap
- *Projeto jovem: para grupos de Perseverança – Família*
Antonio Francisco Lelo
- *Seguir o Mestre: Batismo e/ou Confirmação e Eucaristia de adultos – 2 vols.*
Frei Antônio Francisco Blankendaal

Núcleo de Catequese Paulinas – Nucap

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

PERSEVERANÇA

Livro do Catequista



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iniciação à vida cristã : perseverança : livro do catequista / Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. – 4. ed. – São Paulo : Paulinas, 2015.
-- (Coleção água e espírito)

Título anterior: Projeto jovem : para grupos de perseverança : livro do catequista.

ISBN 978-85-356-3862-2

1. Catequese - Igreja Católica - Ensino bíblico 2. Catequistas - Educação 3. Fé 4. Projeto Jovem 5. Vida cristã I. Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. II. Série.

14-12736

CDD-268.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Catequistas : Formação bíblica : Educação religiosa : Cristianismo 268.3

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e Antonio Francisco Lelo*

Copidesque: *Anoar Jarbas Provenzi*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ruth Mitzuie Kluska*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Assistente de arte: *Sandra Braga*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Ilustração de capa: *Gustavo Montebello*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

4ª edição – 2015

6ª reimpressão – 2019

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2010

Agradecimentos a:
Erenice Jesus de Souza
Maria Rejane Mendonça
Peterson Mendonça Rodrigues
Pe. Wladimir Porreca

Iniciação à vida cristã

Perseverança

Este projeto tem o objetivo de propor o encontro com Jesus Cristo vivo e seu seguimento na Igreja, para que o jovem se sinta estimulado a analisar sua vida, a avaliar seus limites e a interiorizar as várias dimensões da personalidade cristã. Compõe-se dos seguintes subsídios:

Livro do Catequista: traz a reflexão dos vinte e seis encontros com indicações pedagógicas para seu desenvolvimento, além de uma introdução que apresenta a proposta geral desta etapa de fé, o roteiro das duas celebrações (Penitência e da renovação das promessas batismais) e o apêndice com o oracional.

Livro do Catequizando: traz a reflexão dos vinte e seis encontros, o roteiro das duas celebrações (Penitência e da renovação das promessas batismais) e o apêndice com o oracional.

Livro da Família: apresenta os cinco encontros dos responsáveis com os catequistas, como também as celebrações da Penitência e da renovação das promessas batismais que deverão ser celebradas com os adolescentes e os catequistas. Os temas desses encontros correspondem àqueles refletidos no grupo de perseverança.

Apresentação

A catequese é importante em todas as etapas do crescimento humano, principalmente dos 11 aos 13 anos. Sem a preocupação de finalizar o processo desta etapa com a celebração de algum sacramento, o catequista poderá dedicar-se a viver uma experiência de vida, de amizade, de partilha e de sonhos com seus perseverantes.

A formação de um grupo de vivência cristã injeta o ânimo do Espírito em todos que aceitam trilhar o Caminho do Ressuscitado. Podemos avaliar o que a fé produzirá ao alimentar corações que acolhem com simplicidade a graça e se colocam na direção do Reino.

Este livro quer provocar — tal como as enzimas com seu efeito catalisador — o desenvolvimento harmonioso da personalidade cristã em suas várias dimensões; quer ajudar o jovem a analisar sua vida, descobrir seus pontos fortes, avaliar seus limites buscando a unidade do ser cristão. Como aquele que construiu sobre a rocha e não confiou no solo movediço e fácil de cavar (cf. Mt 7,24-27). Os pilares colocados nesta etapa significarão o adulto bom cristão e cidadão honesto defensor da ética e da justiça.

A maneira de animar o grupo é experiencial e interativa. Confia no protagonismo dos adolescentes, na descoberta comum das bem-aventuranças evangélicas encarnadas no dia a dia da escola, da família, dos amigos. Apostamos nas relações de confiança que nascem da amizade e do respeito entre todos do grupo. Os temas querem ajudar os adolescentes a compreenderem as situações da vida à luz da Palavra e da amizade com o Senhor. Isso implicará a construção do seu próprio projeto de vida.

No fundo, buscamos *viver mais conforme Jesus Cristo*. Aquele que se definiu como Caminho e nos quis seus seguidores.

Introdução

A dinâmica do mundo contemporâneo exige, cada vez mais, que pensamentos e ações sejam previamente bem planejados e determinados nas mais diversas dimensões. Tanto no coletivo como no pessoal, é preciso investir tempo e dinheiro, dedicação e perseverança, para a manutenção e qualidade da vida no planeta.

Contrariando a mentalidade de planejar a vida a longo prazo, atualmente vivemos o imediatismo e a valorização dos projetos a curto prazo. Tudo pode acontecer a qualquer instante. Há uma enorme dificuldade de lidar com o futuro. Por isso, neste livro, tratamos de pensar o presente, refletir as atitudes do dia a dia do adolescente justamente para que ele construa opções evangélicas duradouras.

O Documento de Aparecida (*DAp*) nos alerta que atravessamos uma *mudança de época* (n. 44, cf. nn. 45-57) com transformações tão globalizadas e estruturais que afetam nossos critérios de compreender e julgar a realidade. O pluralismo de hoje marca nosso tempo com muitas crenças e pouca fé no Deus libertador de Jesus Cristo. Não têm mais valor as referências tradicionais da fé. As tradições culturais e religiosas vão se diluindo e já não são transmitidas de uma geração à outra. Busca-se praticar a religião para conseguir bem-estar, curas e milagres já neste mundo. Exaltam-se, ao máximo, o sentimentalismo e a dimensão terapêutica da fé.

O *DAP* também alerta para a fragmentação do sentido da vida que o jovem enfrenta. Há uma avalanche de informações, mas os dados não tecem o sentido da existência, explicam partes da realidade, fazendo com que a pessoa não tenha o sentido completo de vida oferecido pela fé em Deus. Por isso, constatamos o vazio do consumismo e o exibicionismo de astros e estrelas.

ESTRUTURA DO PROJETO

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ – PERSEVERANÇA

Este livro tem como objetivo: propor o encontro com Jesus Cristo vivo e seu seguimento na Igreja, para que o jovem se sinta estimulado a analisar sua vida, a avaliar seus limites e a interiorizar as várias dimensões da personalidade cristã.

Para alcançar esta finalidade, o livro foi concebido em quatro unidades:

Unidade I — Grupo de discípulos (4 encontros) — quer suscitar no grupo a confiança e a partilha de vida para que se forme o espírito de comunidade; por isso mostra as condições para desenvolver o discipulado.

Unidade II — Nova etapa de fé (7 encontros e 1 celebração) — retoma a trajetória de fé do adolescente para firmar sua vivência dominical ao redor da Palavra e da Eucaristia. Assim, aprofunda a espiritualidade do Domingo, a necessidade da participação da Missa dominical, e também começa a desenhar o caminho de seguimento de Cristo diferenciando-o das outras propostas.

Unidade III — Ser de relação (9 encontros) — aprofunda as relações sociais do jovem: primeiramente a partir do corpo e da sexualidade, depois com a família, com os amigos e com o mundo virtual. Essas relações, para serem integradas de forma cristã no seu desenvolvimento, deverão ser apreciadas evangelicamente.

Unidade IV — Discípulo e testemunha (6 encontros e 1 celebração) — reflete a missão do jovem que resulta desse projeto de vida assumido como opção vocacional de ser discípulo e testemunha da Palavra.

Ao menos cinco encontros deverão ser realizados com os pais e responsáveis à medida que o grupo começar a se reunir, pois os temas desses encontros correspondem àqueles refletidos no grupo de perseverança. Com os jovens, catequistas e pais também são previstas as celebrações da Penitência e da renovação das promessas batismais.

PROJETAR A VIDA NESTA IDADE

Neste tempo de tantas informações, os adolescentes¹ têm dificuldade de ver o sentido do todo, precisam de ajuda para distinguir o fundamental do que é passageiro. Nesta etapa de desenvolvimento vão construindo uma nova visão do mundo e amadurecendo. Os adolescentes têm diante de si a difícil tarefa de definir a própria personalidade e de colocar as bases da realização pessoal. Uma boa atitude educativa será orientá-los e apoiá-los em suas iniciativas, deixando-os assumir suas responsabilidades.

Gostam de ser desafiados pela participação. O orientador deve se preparar para despertar-lhes interesse e ao mesmo tempo atribuir-lhes responsabilidades. Nesta fase, já estão mais conscientes do mundo físico e social no qual vivem. Estão expostos ao estresse da sociedade, dos colegas, bem como das tentações e dos hábitos consumistas. Reconhecer, entender e comunicar a estes adolescentes suas responsabilidades é uma tarefa importante do catequista nesta fase. São muito bem-vindos momentos inovadores e práticos para manter a atenção destes catequizandos: leitura dirigida, conversas, ideias expressas por escrito, teatro e afirmações.

O desenvolvimento emocional está marcado pelas transformações físicas, coincidindo com o início da maturação sexual. Crescem a vaidade e a autoestima, como também a tendência a imitar os companheiros. O educador estimulará a autoconfiança e procurará trabalhar diferenças e preferências individuais. É preciso dispensar atenção especial aos seus sentimentos. Os problemas dos adolescentes parecem melhorar quando eles os compreendem e conseguem expô-los aos adultos.

Devemos aproveitar a habilidade que os adolescentes têm de raciocinar de forma abstrata. Poderão comparar, discordar, interiorizar e escolher o melhor para si mesmo. São João Bosco, pai e mestre da juventude, entendeu a *razão* como um dos pilares do processo educativo, ao lado da *religião* e da relação de *afeto e carinho*. A *razão* se traduz na prática, no diálogo e na força da

¹ CRIANÇA E ADOLESCENTE: A ECA—Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990) considera criança toda pessoa até 12 anos incompletos, e adolescente toda pessoa de 12 a 18 anos.

persuasão com argumentos adequados que colaboram para o adolescente optar pelo justo, honesto e bom para si e para os outros.

A atração intelectual para com os ensinamentos é muito vantajosa. Importa que os adolescentes possam avaliar suas atitudes e se conscientizar de que podem mudar o rumo de suas atitudes negativas, agindo em outra direção com paciência e perseverança.

O catequista precisará acreditar no adolescente, em sua capacidade de transformar, de abraçar um grande ideal. Sem perder o chão da realidade, é hora de propor os grandes ideais da vida cristã: a generosidade do seguimento de Cristo e o altruísmo da solidariedade e da entrega da própria vida.

A identidade do grupo dada pela experiência de aprofundamento da fé confirma as intuições dos bispos em Aparecida: “Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação a serem amigos e discípulos de Cristo [...]. Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus irmãos, especialmente aos mais necessitados, com todo o seu tempo e vida [...]. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz” (*DAP*, n. 443).

O ser humano ideal²

Partilhamos uma experiência ocorrida num dos encontros da catequese de Perseverança, quando apresentamos a reflexão sobre o projeto de Deus para nós: “O ser humano ideal”. Após um breve debate, cada catequizando escreveu o que pensa de si, o que espera da vida e o que pensa sobre Deus. Encheram-nos de surpresa ao mostrarem, na variedade de suas respostas, um caráter único: são conscientes de suas próprias faltas e se reconhecem como filhos amados de Deus.

Como me vejo? *“Sou uma garota extrovertida, mas muito realista. Sou sincera e, quando preciso, desabafo. Apaixonada por um destino impossível, mas confiante em uma coisa: o amor de Deus me guiará!”*; *“Eu me vejo um menino muito atrapalhado”*; *“Eu sou um filho criado*

² Maria Rejane Mendonça e Peterson Mendonça Rodrigues, mãe e filho, catequistas de um grupo de Perseverança na Diocese de Guarulhos-SP.

por Deus, mas tenho muitos defeitos como todo mundo”; “Sou impaciente, às vezes [...], tenho vários defeitos. Mas sou legal, inteligente e tenho muitos amigos”.

O que quero ser? O que tenho feito para realizar meus sonhos? *“Quero ser estilista e tenho estudado e desenhado muito. Mas quero ser mais estudiosa...”; “Quero ser uma pessoa educada e andar com pessoas boas”; “Eu quero ser padre e estou aprendendo cada vez mais as coisas de Deus”; “Tenho me esforçado para melhorar tudo que fiz de errado”; “Ser fisioterapeuta. Para isso, tenho prestado atenção nas aulas”; “Quero ser médica e rezo pelo meu sonho”.*

Quem é Deus para mim? *“Um ser maravilhoso que me ajuda quando preciso, me dá forças e esperança [...], que se sacrificou para dar a vida a um povo que somos nós [...]; sempre estará em meu coração”; “Deus é mais que um pai, ele é meu pai”; “Deus é minha família”; “É uma pessoa com que posso contar a todo instante”; “É meu pai e amigo”; “É meu pai e o homem que me trouxe ao mundo para ajudar os outros seres humanos a seguir o caminho dele”.*

Com esses jovens tivemos uma confirmação: olhar para o que somos é mais importante do que saber o que temos; significa ter a certeza de que o amanhã está cheio de possibilidades, mas hoje podemos ser melhores. É importante conhecer nossos defeitos, como também reconhecer nossas qualidades e o que fazemos de bom.

Faz parte do crescimento de cada pessoa “olhar-se com bons olhos”, para assim descobrir o próprio valor, enxergando Deus em si, no próximo e na vida. Começamos então a vislumbrar o que é “ser ideal” para Deus e, nesse trilhar, está o caminho da santidade.

CATEQUISTA

Testemunha da fé, o catequista ensina basicamente pelo que ele é. Coerente em seus pensamentos e ações, transmite segurança aos catequizandos que lhes são confiados e, numa íntima relação, torna-se, para eles, uma grande referência no seio da comunidade.

Necessariamente evangeliza a partir de sua íntima experiência de fé, afirmando uma responsabilidade que exige constante maturidade e compromisso a todo tempo, momento e lugar. Nesse sentido, precisa identificar-se com os seus catequizandos, desejar estar com eles, saber ouvi-los, acolher as suas dúvidas e ajudá-los a encontrar respostas que os façam realmente crescer em *sabedoria, atitude e graça*.

Ao olhar para um adolescente, enxerga uma pessoa, um ser humano, com o qual terá sempre o que aprender. Supera, portanto, preconceitos e aproveita ao máximo todo o dinamismo e ardor participativo da adolescência, reconhecendo suas potencialidades e creditando às suas ideias o merecido valor.

Atualizados sobre o próprio dinamismo da vida na adolescência, os catequistas estarão atentos aos mais variados tipos de situações que ocorrem nesta etapa da vida, conversam sobre os catequizandos e discutem suas experiências num trabalho conjunto.

Isto, porém, somente será possível se o catequista for muito bem orientado em suas formações, contando com o apoio de um grupo de catequistas que possa dialogar e definir ações que elevem o grau de participação dos catequizandos na vida da comunidade. Quando bem organizado, o grupo ajuda o catequista a vencer o medo e as inseguranças. É no grupo que acontece a formação, por meio dos debates, da partilha dos problemas, da busca de solução, das alegrias e atividades da catequese. O grupo é a fonte de vida, de esperança, de animação, de diálogo, de fraternidade e de alegria. Nele o catequista se sente fortalecido em sua missão.

O grupo de catequista não é feito só para resolver problemas. Ele acontece para que o catequista viva uma forte experiência cristã na reflexão e na oração em comum, no estudo, na elaboração do planejamento e nas avaliações das atividades realizadas, para depois catequizar e liderar essa vivência comunitária, com mais segurança.

O catequista usará os temas com criatividade e adaptará o conteúdo à realidade do catequizando. Mas, para que isso aconteça, precisa estudá-los, procurando também ajuda da assessoria da paróquia, de setor ou forania ou na própria diocese. O grupo

faz com que a catequese inicial desperte e se encaminhe para uma catequese mais consciente e transformadora. O catequista percebe que, enquanto evangeliza com o grupo, está crescendo em sua fé. A experiência de Jesus nos ajudará em nossa missão. Jesus forma seu grupo de seguidores (cf. Mc 3,13-19); eles partem para a missão (cf. Mt 10,1-8); reveem o trabalho (cf. Mc 6,30-31); e depois da ressurreição de Jesus difundem a mensagem (cf. At 2,37-41; 8,4-8; 11,19-21).

O catequista que vive a vida espiritual de fato irradia amor e boa vontade para com todos, o que se torna visível ao coração dos adolescentes. Toda vez que ele compartilhar algo, isto será assimilado, promovendo a construção de novo ser humano. Por isso o educador-catequista não desanima nunca, o que afirma o quanto a proposta deste livro somente terá significado a partir da sua própria empolgação e testemunho conquistados, encontro após encontro, junto aos catequizandos.

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Contamos com a participação insubstituível dos pais ou responsáveis dos adolescentes, uma vez que dependemos uns dos outros e a educação da fé é uma conquista da comunidade. Nela cada um tem seu papel e interfere de acordo com sua função. Nada melhor do que criar oportunidades de diálogo entre pais e filhos em situações que possam aprofundar uma conversa sobre valores, sentido da vida, convicções de fé e atitudes de vida.

Envolver os pais ou responsáveis no processo catequético é uma ação missionária da paróquia e um elemento fundamental para atingir as metas do grupo. Imagine os prejuízos na educação do adolescente se o que for proposto no grupo for vivenciado diferentemente em casa! A reflexão de temas como sexualidade, diálogo familiar... por si mesma é aberta e se confronta com os vários posicionamentos dos adolescentes, que refletem, por sua vez, a multiplicidade de orientações recebidas em suas famílias. Por isso a importância ímpar de reunir os pais e responsáveis e conversar sobre estes mesmos temas.

“A reunião de pais precisa ser realmente um momento especial! Que ela possibilite a cada família sentir-se primeiramente aceita em todas as suas condições, sem reservas, rótulos ou preconceitos, assumindo a riqueza que a diversidade viabiliza. Que não tenha o objetivo inapropriado de querer modificar ninguém, mas que seja, sim, espaço real para a participação de todos.”³

“Que exista uma organização tal que cada membro da reunião possa se sentir à vontade para falar sobre seus pensamentos e sentimentos. Reunião de pais, como o próprio nome diz, necessita de espaço para os pais se expressarem.”⁴ Que tais reuniões sejam breves; do contrário o projeto está fadado ao insucesso.

Este roteiro contempla reuniões para serem realizadas com os pais ou responsáveis. Sugere, para aquelas comunidades em que as relações têm condições de serem mais próximas, que algumas reuniões do grupo, em forma de rodízio, aconteçam nas casas dos catequizandos com a participação de toda a família.

Tão logo seja formado o grupo de perseverança, os catequistas promovam uma reunião com os pais ou responsáveis para que lhes sejam explicados os objetivos, priorizada a participação da família na assembleia dominical e esclarecido o papel deles no desenvolvimento do projeto. Os responsáveis, ao aceitarem a proposta, conhecerão mais de perto a pedagogia do grupo, confiarão mais nos catequistas e oferecerão a oportunidade para os catequistas estabelecerem um diagnóstico real do contexto familiar de seus catequizandos.

Hoje em dia, é bem possível encontrar pais que professam outra fé mas respeitam a decisão do adolescente de participar na comunidade católica. Mesmo nestes casos, é vivamente recomendada a participação deles neste projeto de perseverança.

Acreditar na colaboração dos pais e familiares, investir na evangelização dos adultos, solicitar a colaboração deles, tudo isso implica a opção por uma Igreja adulta que ajude os pais a cumprirem sua missão de ser os primeiros evangelizadores de seus

³ CAETANO, Luciana Maria. *Dinâmicas para reunião de pais*; construindo a parceria na relação escola e família. São Paulo, Paulinas, 2009. p. 55.

⁴ *Ibid.*, p. 55.

filhos. Tudo isso traça o perfil de uma Igreja missionária que volta seus cuidados para aqueles pais e responsáveis afastados da vida comunitária. Por isso, são necessários catequistas que também saibam lidar com adultos.

Uma visita à família

Numa comunidade da periferia da grande São Paulo, o grupo de *Perseverança* encontrava-se bastante animado para mais um encontro. Este, porém, não seria realizado na paróquia, como de costume. Um dos catequizandos *havia ganhado um irmãozinho*; então, todo o grupo resolveu fazer-lhe uma visita e transformar aquele encontro num momento propício para acolher uma etapa tão importante da vida: o nascimento.

A família foi previamente consultada sobre a visita e informada sobre o objetivo do encontro. Com alegria, todos foram muito bem acolhidos pela mãe, que mesmo se recuperando do parto gostou muito da ideia. Cânticos, dinâmicas, proclamação da Palavra, troca de ideias, lanche e entrega de lembrancinhas, previamente preparadas. O grupo conheceu o bebê, e o seu irmão que participa do grupo ficou todo orgulhoso. Durante uma tarde esta bonita experiência foi construída, marcando a vida de todos.

METODOLOGIA⁵

O catequista é alguém que, lado a lado, constrói um *projeto de vida* com os catequizandos. Sua função é apresentar pistas para que eles possam se apropriar do caminho a seguir, utilizando variados recursos que dinamizem o processo.

Didaticamente, a atenção do catequista deve se voltar a todo tipo de atitude, gesto ou opinião do catequizando, valorizando, a cada encontro, as suas potencialidades. Isso significa ter uma postura acolhedora, apoiada no diálogo e não na imposição de valores e de comportamentos. O adolescente necessita compreender a manifestação da mensagem cristã a partir da própria dinâmica do

⁵ Agradeço a colaboração e supervisão de Erenice Jesus de Souza.

seu cotidiano, de modo que tudo o que ele aprendeu no período em que foi iniciado à Eucaristia seja aprofundado.

Nesse sentido, podem ser realizadas oficinas, mesas redondas, palestras e debates, bem como teatros, dinâmicas, gincanas, passeios que aprofundem a compreensão das temáticas propostas. Para tanto, o catequista contará com a participação dos perseverantes, atribuindo-lhes responsabilidades e possibilitando que suas ideias recebam a merecida atenção e valorização do grupo. A proposta deste itinerário afirma a importância dos mais variados recursos, principalmente humanos, que favorecerão, e muito, a troca de experiências no testemunho da fé.

De acordo com o tema, cada encontro desenvolve uma reflexão bem estruturada e associada às propostas de vivência que possibilitarão uma maior interatividade do grupo. Pensar nestes elementos, conseqüentemente, nos leva a priorizar algumas observações no que se refere à própria formação do grupo de perseverantes, bem como no modo de organizar o local dos encontros, de preparar a acolhida, a oração, a reflexão e a vivência sobre o tema e a avaliação do trabalho desenvolvido.

Tais abordagens necessitam ser previamente estudadas pelo catequista, para que possa articular da melhor forma a sua metodologia de trabalho aos objetivos a serem atingidos em cada uma das unidades deste subsídio. O planejamento da concretização dos encontros necessariamente também levará em conta o calendário das atividades paroquiais.

Bem planejadas e desenvolvidas, tais propostas conquistam a participação do grupo e auxiliam na construção da personalidade e da maturidade, proporcionando desafios e maravilhosas descobertas. Uma delas é a própria autonomia cedida a cada participante para que ele possa apresentar ideias, defender seu ponto de vista, avaliar possibilidades e limitações, de modo a se sentir potencialmente valorizado.

A metodologia se configura na própria fundamentação dos elementos que são essenciais na realização do encontro com os adolescentes. Trata-se da organização do grupo, do local do encontro, da acolhida, da oração, da reflexão sobre o tema e da

vivência, indispensáveis a todo e qualquer trabalho que deseje alcançar a plenitude em suas ações.

Organização do grupo

Anotar os dados principais do catequizando: idade, endereço, escolaridade, frequência nos encontros etc. Fazer uma ficha de participação para que o catequista possa acompanhar o catequizando.

Local do encontro

Deverá estar em ordem, limpo e agradável. Convidar os catequizandos para ajudar na arrumação. Colocar cartazes ou figuras sobre o tema. Enfeitar o ambiente para despertar o interesse no assunto (por exemplo, se o tema for “Maria”, colocar uma imagem, figuras, cartazes que falem de Nossa Senhora, fotos de mulheres). Dispor de símbolos em cada encontro. A Bíblia deve ocupar um lugar de destaque. Usar flores, toalha e vela, sempre que possível. Tudo isso ajuda a despertar o amor e o respeito pela Palavra de Deus. Procurar que os participantes sentem-se em círculo, para que cada um possa ver todos os outros. Trocar os cartazes a cada encontro, para que os catequizandos não percam o interesse por eles.

Acolhida

O catequista deverá estar sempre atento à acolhida dos catequizandos. A acolhida deverá estar presente em todo encontro para que os catequizandos se sintam sempre num ambiente bem fraterno. Toda pessoa necessita ser reconhecida individualmente, como gente. Ser conhecida pelo nome, com um “rosto” e uma história própria. Por isso, é importante que, reconhecida como pessoa, sinta-se aceita e amada pelo catequista.

Para acolher bem os catequizandos, o catequista chegará um tempo antes do horário do início do encontro para receber a todos com igual atenção, sem demonstrar preferências. Todo catequizando traz para a catequese experiências de vidas, e o catequista pode aproveitá-las perguntando o que fizeram durante a semana, como estão se sentindo, o que desejam receber na catequese.

Não deve ser um relatório, mas uma conversa espontânea, com muita simplicidade.

O ponto de vista do catequizando deverá ser respeitado, e a sua opinião ser ouvida com muita atenção. O catequista deverá procurar ser objetivo ao fazer perguntas e não esperar respostas automáticas, dando tempo para que pensem e discutam. Além disso, é fundamental dizer sempre a verdade. Se o catequista não souber responder a alguma pergunta, deverá se comprometer em procurar a resposta e levá-la no próximo encontro. Não deverá chamar a atenção do catequizando na frente de outras pessoas, mas a sós, depois do encontro. Se ele tiver algum problema, o catequista deverá procurar ser seu amigo para ajudá-lo a superar as suas dificuldades. Nesse momento de diálogo, é a oportunidade de envolver os mais tímidos e fechados através da atenção e do interesse por suas vidas. Mas cuidado para não dar a estes um tratamento visivelmente especial. Que em tudo o catequista procure criar dinâmicas de acolhimento.

Ao iniciar os encontros o catequista pode realizar uma pesquisa de opinião sobre os temas de interesse e o modo como o grupo pensa que devem ser desenvolvidas as atividades. Ótimas propostas poderão surgir e ser aproveitadas!

Oração

A oração é a resposta de fé à Palavra proclamada. Deve levar a uma ação concreta. É importante despertar o gosto pela oração e não ficar apenas no decorar, na repetição de palavras. Há que desenvolver o costume de conversar naturalmente com Deus, com muita espontaneidade. Isso não quer dizer que se deixe de ensinar as fórmulas das orações, ligadas aos temas da catequese. Por isso, é preciso motivar os pais dos catequizandos a ensinar, em casa, as principais orações dos cristãos e dos católicos.

A etapa da Perseverança consolida a educação recebida durante a iniciação eucarística. Por isso, logo no início é aconselhável retomar a importância da participação dominical na Eucaristia, a relação da Eucaristia com a vida cotidiana, como também os

costumes cristãos de rezar antes das refeições, ao acordar e antes de dormir. A prática da celebração do sacramento da Reconciliação.

Há que estabelecer um contínuo esforço de ligar a catequese com a liturgia, mesmo que este projeto não vise diretamente à preparação de algum sacramento. É comum a queixa da ausência dos adolescentes na liturgia dominical. As orações propostas ao longo deste livro querem, de forma pedagógica, retomar as orações rezadas na liturgia com o objetivo de familiarizar o catequizando com a oração comunitária da Igreja. Daí a importância de cuidar da oração e não resumi-la num rápido momento ou desconsiderar as propostas aqui sugeridas.

Vivências que eduquem para a acolhida do outro são fundamentais. É preciso ensinar a ouvir a Palavra, a partilhar a vida, a pensar, praticar a ação de graças, a ser generoso, a oferecer a vida como serviço de amor e de dom de si (lava-pés), a pedir perdão e a reconhecer a presença e o direito do outro. Atitudes como essas, em pequenas vivências, sintonizam-se com a celebração litúrgica e colocam o Evangelho em ação. Naturalmente, será necessário preparar os adolescentes para essas práticas, pois se trata de exercícios simples, mas que resgatam atitudes infelizmente um tanto quanto esquecidas hoje.

Palavra de Deus

Nas grandes cidades, no metrô, trem ou ônibus, é comum encontrarmos pessoas lendo a Bíblia. Que belo exemplo. Por omissão nossa, os adolescentes poderão ser indagados, assim como Filipe perguntou ao alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia: *Você compreende o que está lendo?* E a resposta poderá ser semelhante à do próprio eunuco:⁶ *Como poderia, se ninguém me orienta?* (At 8,30-31).

Cada encontro apresentará uma passagem bíblica e proporá uma partilha para ajudar o catequizando a rezar e a se questionar. Claro que, durante o período do encontro, o catequista retomará o texto lido e estimulará outras leituras bíblicas.

⁶ Homem castrado que estava diretamente a serviço da rainha, ou era guardião de mulheres, principalmente nos haréns.

Em torno da Palavra

No anexo, propomos as orações da manhã e da noite em forma de Ofício Divino, uma maneira antiga de a Igreja rezar. É uma oração bíblica, com variação de Salmos e de leituras. Valerá a pena o catequista iniciar vários encontros seguindo as etapas do Ofício Divino e estimular os adolescentes a rezarem durante a semana.

Recomenda-se celebrar adequadamente a leitura bíblica em alguns encontros durante o ano. Nesse momento orante do grupo, exercita-se a escuta ativa da Palavra a fim de despertar a necessária resposta de fé. Sugere-se criar um ambiente celebrativo: sentar em semicírculo, tendo ao centro um ambão (estante litúrgica) com a Sagrada Escritura e com uma toalha ou faixa da cor litúrgica do tempo (branco se Páscoa ou Natal, verde se Tempo Comum, roxo se Quaresma ou Advento), e uma vela grande.

Para as pessoas se concentrarem e ouvirem a proclamação, recomenda-se iniciar os encontros cantando um refrão meditativo ou um mantra, ora mais baixo, ora mais alto. Durante o canto um jovem se levanta e acende a vela grande. É recomendável cantar ou proclamar um Salmo com a participação do grupo por meio das respostas. Quando o Evangelho for proclamado, fica-se de pé; quando não, fica-se sentado. A proclamação sempre será feita do ambão. Em seguida, há uma conversa ou partilha, inspirada na Palavra ouvida, sobre a vida do grupo. Podem-se acrescentar preces de pedidos ou de ação de graças, propor alguma bênção etc.

Reflexão

Cada encontro apresentará uma reflexão com os principais argumentos para a compreensão do tema, com indicações que complementam e facilitam a construção do tema.

A conversa parte sempre do levantamento e do conhecimento da realidade em diálogo com a Palavra. O catequista procurará conhecer cada catequizando, a sua pessoa, a sua realidade familiar por meio de visitas, como também conhecer a vida da comunidade e outras realidades que os envolvem. Partindo do sentir e do pensar dos catequizandos, o catequista estimula a reflexão, influenciando positivamente no mundo deles.

O catequista procurará colocar e desenvolver o tema ou o assunto do encontro numa linguagem simples, levando em conta o vocabulário do catequizando, dialogando com ele, a partir da Palavra proclamada. O diálogo deve levar o catequizando à oração, colocando-o diante da Palavra de Deus, com o compromisso de colocá-la em prática na vida diária.

Vivência

A finalidade desta parte é fazer com que catequista e catequizando levem à prática o que estão elaborando como reflexão do grupo. É o agir transformador. Ele está ligado à Palavra de Deus que nos questiona e tem como objetivo a mudança de vida das pessoas, buscando uma sociedade justa e fraterna.

Avaliação

É importante que a avaliação da caminhada seja feita no grupo de catequistas da comunidade. Avaliar o próprio trabalho não é defender o trabalho nosso ou acusar o dos outros. Devemos ter a coragem de nos questionar para crescer. Podemos começar avaliando nossa dedicação ao trabalho: se nos preparamos convenientemente para os encontros, se houve tempo suficiente de planejamento e formação pessoal.

Em relação aos catequizandos, pode-se perguntar se os encontros estão incidindo na vida dos catequizandos; se o catequista está assimilando a realidade em que vivem os catequizandos; qual a convivência entre o catequista e os catequizandos; como estão sendo usadas as dinâmicas de grupo para tornar a catequese mais agradável; de que maneira os cantos têm contribuído para o sucesso do encontro; qual é a participação e a colaboração dos pais dos catequizandos na catequese.



UNIDADE I
GRUPO DE DISCÍPULOS

Formamos um grupo

Previamente é organizado um painel com a exposição de imagens que ilustrem a organização das pessoas nos mais diferentes tipos de grupos, nas mais variadas idades e atividades, de modo que, ao olharem, os perseverantes tenham aguçada sua sensibilidade sobre a importância do grupo ao qual assumem. Podem ser usadas imagens de jornais e revistas, desenhos, fotos de grupos da comunidade ou de outras comunidades recolhidas na internet. Em destaque, num lugar especial, será colocada a fotografia deste novo grupo que se forma.

Estas fotos também podem ser espalhadas por todo o ambiente do encontro, dinamizando a partilha entre o grupo, ou entregues aos perseverantes em forma de cartões postais com uma bela mensagem de acolhida.

Músicas que se fazem presentes na rotina de vida dos adolescentes podem ser utilizadas em som ambiente, de modo a reconhecer e valorizar, desde o início, o universo de elementos com os quais eles convivem.

Com a realização de uma dinâmica de apresentação, o catequista proporciona ao grupo um momento de descontração, agradecendo a presença de todos e afirmando a importância de um novo grupo que se forma. Pergunta sobre as fotos/cartão recebidas e motiva para que participem expressando o que estão sentindo.

ORAÇÃO

Neste momento alguns dos integrantes do grupo são convidados a proclamarem a oração, compartilhando-a com seus companheiros. É importante que de modo espontâneo os leitores se apresentem, dinamizando a interação do grupo.

Particularmente em relação ao leitor 2, peça que este se dirija ao local previamente organizado para uma leitura silenciosa da Palavra e entenda o sentido da leitura da Palavra e a proclame devagar. Destaque o lugar da proclamação usando uma estante, velas e uma Bíblia com boa tradução.

Enquanto isso, os outros integrantes são convidados a realizarem uma oração pessoal, uma conversa com Deus sobre esta nova etapa que se abre à vida de cada um, sendo-lhes entregues uma folha de papel e uma caneta para que desenhem uma das partes de um corpo inteiro (um pé, um coração, uma orelha etc.).

Todos são convidados a recortarem seus desenhos e a montarem a imagem a partir da soma de suas partes, observando o que acontece.

Ao final todos compartilham:

Leitor 1: *Formamos um grupo que tem Jesus Cristo por cabeça. Somos o seu Corpo, com muitos membros diferentes, cada um é de um jeito. Mas o importante é que estamos unidos, porque ele está entre nós.*

Dirigente: *Em nome do Pai...*

Dirigente: *O Senhor esteja convosco!*

Todos: *Ele está no meio de nós.*

Leitor 1: *A saudação inicial da Missa quer nos colocar em íntima união com a Trindade santa e depois, antes da proclamação do Evangelho, no início da oração eucarística e na bênção final tomamos consciência de que o Senhor está no meio de nós. Também em nosso grupo, o Senhor se faz presente.*

Pausa em silêncio. Chega o momento em que o leitor 2 proclama a Palavra.

Leitor 2: *Leitura da Primeira carta de São Paulo aos Coríntios capítulo 12, versículos 12-20.*

Partilha da Palavra

O catequista solicita a participação do grupo com algumas intervenções a partir do que entenderam sobre a mensagem.

Pelo Batismo fazemos parte do corpo de Cristo, fomos enxertados nele, por isso somos chamados cristãos. A nossa união em Cristo nos convida a formar um grupo unido com o objetivo de conhecer, viver e amar em Cristo.

Mesmo com nossas diferenças, temos a mesma condição diante do Pai? Quem é mais importante no grupo? Que significa ter Cristo como nossa cabeça?

A assembleia eucarística é a melhor imagem do Corpo de Cristo, ou seja, da Igreja que somos nós. *Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles* (Mt 18,20). Valorizamos a reunião da Igreja, do Corpo de Cristo, participando da assembleia dominical?

Concluir com a oração do Pai-nosso.

REFLEXÃO

Realizada a proclamação da Palavra, o catequista inicia uma conversa espontânea com o grupo, acolhendo suas opiniões sobre a importância da formação de um grupo e possibilitando que todos compartilhem suas opiniões.

Nós nos reunimos como um grupo de amigos que querem se conhecer, se respeitar, se estimar e se ajudar mutuamente. Parece ser mais fácil ter uma turma pra “zoar” ou estar junto só com aqueles que nos agradam. Nós nos reunimos em Cristo e queremos reconhecê-lo presente entre nós. Ele, de fato, está em cada um de nós e também entre nós: em sua Palavra que proclamamos e meditamos; nas orações que lhe dirigimos; na caridade que praticamos.

Certamente, a presença de Cristo encherá de alegria nossos encontros, porque ele é nosso amigo (cf. Jo 15,14-15) e é o motivo principal de nossa reunião: queremos conhecê-lo sempre

mais, seguir seus passos porque ele é o *Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo 14,6). Para isso acontecer, há uma condição: *Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros* (Jo 13,35).

De início, vamos nos apresentar e aos poucos vamos nos conhecendo mais profundamente. Queremos formar um grupo de vida, isto é, de partilha do que pensamos e sonhamos, como também de nossas dúvidas e problemas que passamos. É importante nos sentirmos bem e confiantes no grupo para nos abrimos e nos ajudarmos mutuamente, sempre de olho no objetivo de sermos mais parecidos com Jesus Cristo. Por isso, iremos discernir nossas atitudes para que elas reflitam o modo de ser de Jesus Cristo. Não podemos repetir o que Jesus fez *naquele tempo*; hoje as coisas são muito diferentes, mas podemos entender qual era a sua mentalidade e o que considerava mais importante.

VIVÊNCIA

Objetivo

Propiciar um momento de descontração e interação dos membros do grupo e proporcionar mais familiaridade e confiança entre os catequizandos.

É importante que os participantes percebam que essa brincadeira não se trata apenas de uma “corrida de cadeiras”, mas sim de um delicioso passeio nos braços de outras pessoas.

Materiais

Aparelho de som e música instrumental.

Desenvolvimento

Primeiro passo: Em primeiro lugar, o facilitador solicita que os participantes fiquem em pé. Em seguida, pede que façam um círculo de mãos dadas. Posteriormente, cada um é estimulado a falar uma palavra de incentivo aos demais, como, por exemplo, força, alegria, luz, amor etc.

Segundo passo: Ele solicita que as pessoas se dividam em grupos de três integrantes e se espalhem pela sala (caso não haja um número suficiente de pessoas, a dica é formar um grupo de quatro integrantes). Inicialmente, dois participantes vão entrelaçar os braços entre si, formando uma “cadeirinha”. Em seguida, carregam o terceiro por um determinado período. Para que todos sejam transportados, é importante que haja um revezamento entre os integrantes dos grupos. Ao término dessa etapa, todos se sentam em círculo.

Terceiro passo: O animador solicita que todos fiquem em pé. Em seguida, pede que deem as mãos e agitem os braços por um determinado tempo, ao som da música instrumental.

Quarto passo: Sentados em círculo, o facilitador estimula os participantes a compartilharem com os demais a experiência de cuidar e ser cuidado.¹

Obs.: O ato de ser levado pelos outros exigiu confiança, entrega, e quem carregou teve responsabilidade e cuidado. Como essas atitudes serão desenvolvidas em nosso grupo? Vamos fazer um trato: logo no início, vamos sempre ouvir e respeitar o outro, sem rir dele ou menosprezá-lo porque é diferente de mim. Pelo contrário, vou querer escutar atentamente, principalmente se for alguma coisa referente à sua experiência de vida pessoal. Por isso vou ser muito cuidadoso ao comentar este assunto com outra pessoa; já em casa, com os pais, não haverá problema em comentar.

¹ ANDRADE, Márcia Campos. *Dinâmicas para a convivência humana*. São Paulo, Paulinas, 2006. pp. 18-19.